

## **“A própria mãe”: jogos de luz e sombra em um caso de cobertura jornalística de violência contra crianças**

---

### ***“La propia madre”: juegos de luz y sombra en un caso de cobertura periodística de violencia contra niños***

---

### *“Their own mother”: lights and shadows on a case of journalistic coverage of violence against children*

---

Elton Antunes<sup>1</sup>

Eliziane Lara<sup>2</sup>

**Resumo** O presente trabalho visa compreender os gestos realizados pelo jornalismo frente a situações de violência contra crianças e adolescentes no grupo doméstico. Observamos as formas como o relato noticioso lida com a constatação de que a família pode se configurar como espaço privilegiado de agressão, em um quadro marcado por representações sociais do núcleo familiar como lugar de proteção. Para contribuir com estas reflexões, realizamos a análise de matérias jornalísticas que reportaram um caso de possível agressão da mãe contra os filhos em Minas Gerais.

**Palavras-chave:** Cobertura jornalística. Violência contra criança. Representações sociais.

<sup>1</sup> Jornalista, doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal da Bahia e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista da CAPES – Proc. n. 3779/11-4. É integrante do GRIS – Grupo de Estudos e Pesquisas Imagem e Sociabilidade. E-mail: eantunes@ufmg.br

<sup>2</sup> Jornalista, mestrande do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É integrante do GRIS – Grupo de Estudos e Pesquisas Imagem e Sociabilidade. Colaborou por seis anos com as atividades da Rede ANDI Brasil – comunicadores pelos direitos da infância em Minas Gerais. E-mail: elizianejornalismo@gmail.com

**Resumen** *Este trabajo tiene el objetivo de comprender los gestos realizados por el periodismo frente a situaciones de violencia contra niños y adolescentes en su grupo doméstico. Observamos cómo el relato periodístico trata la constatación de que la familia puede configurarse como un espacio privilegiado para agresiones, pese a las representaciones sociales del núcleo familiar como un lugar de protección. Para ello, analizamos noticias sobre un posible caso de agresión de una madre contra sus hijos en la ciudad de Sete Lagoas, Minas Gerais, Brasil.*

**Palabras-clave:** *Cobertura periodística. Violencia contra niños. Representaciones sociales.*

**Abstract** *This paper aims to understand the gestures made by journalism when it faces situations of violence against children and adolescents in their domestic group. We observe how the news account deals with the conclusion that family can be a privileged space for offenses, in spite of social representations of the familiar nucleus as a place for protection. In order to contribute to those reflections, we develop the analysis of some news about a possible case of violence against children carried out by their own mother, at the city of Sete Lagoas, in the Brazilian state of Minas Gerais.*

**Keywords:** *Journalistic coverage. Violence against children. Social Representations.*

---

Data de submissão: 13/06/2012

Data de aceite: 23/11/2012

## Introdução

“Mãe é presa sob suspeita de jogar gêmeos de 1 ano da janela em MG”<sup>3</sup>, anunciou a manchete publicada às 22 horas e 26 minutos, em 7 de dezembro de 2011, no site da *Folha de S. Paulo* (*Folha.com*). A notícia dava conta de que, na noite daquela quarta-feira, a operadora de caixa, Gisele Pereira da Fonseca, arremessou os filhos gêmeos, de um ano e cinco meses de idade, pela janela de um apartamento no quarto andar, no município de Sete Lagoas, Região Metropolitana de Belo Horizonte. As informações se confirmaram ao longo da cobertura realizada pelo próprio site, por jornais impressos e nos telejornais exibidos no dia seguinte. Deparamo-nos, assim, com um caso que nos despertou atenção de modo especial. Em trabalhos recentes<sup>4</sup> temos nos dedicado a investigar a cobertura jornalística da violência contra crianças e adolescentes em seu grupo doméstico buscando compreender os regimes de visibilidade alcançados por tais acontecimentos, atentos à maneira como aquilo que é noticiado implica um conjunto de presenças e ausências a convocar significações para a compreensão do que ocorreu. Para nós, foi instantânea a associação entre o que acabara de ocorrer em Sete Lagoas e o caso Isabella Nardoni<sup>5</sup>, em que o pai e a madrasta da menina foram sentenciados a mais de 20 anos de prisão pelo assassinato da garota. Aos cinco anos de idade, Isabella foi arremessada da janela de um edifício em São Paulo. Tanto a morte (ocorrida em março de 2008) quanto o julgamento dos réus (realizado em março de 2010) receberam ampla cobertura da imprensa, conferindo ao caso um lugar emblemático na história do jornalismo brasileiro.

<sup>3</sup> HENNEMAN, G. Mãe é presa sob suspeita de jogar gêmeos de 1 ano da janela em MG. *Folha.com*, São Paulo, 7 dez. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1018257-mae-e-presa-sob-suspeita-de-jogar-gemeos-de-1-ano-da-janela-em-mg.shtml>>. Acesso em: 31 mai. 2012.

<sup>4</sup> Os projetos de mestrado “Saiu no jornal, tornou-se visível? Um estudo sobre os regimes de visibilidade da violência contra crianças e adolescentes em jornais mineiros”, de Eliziane Lara, e de pós-doutoramento “Acontecimentos violentos e o sentido do trágico no noticiário jornalístico”, de Elton Antunes.

<sup>5</sup> Registra-se que nenhuma das matérias analisadas neste trabalho estabelece essa associação de maneira explícita.

Durante nossa trajetória acadêmica e profissional temos realizado uma observação sistemática de veículos de imprensa e constatamos que diariamente são publicadas pequenas notas e notícias sobre casos de violência contra crianças e adolescentes e, assim como no caso Isabella, os agressores são identificados como familiares ou pessoas próximas. Essas histórias conformam um quadro de ruptura de expectativas – uma vez que a agressão parte de quem se esperam atitudes como proteção e respeito – e alcançam diferentes regimes de visibilidade quando abordadas por veículos jornalísticos, podendo se desdobrar durante alguns dias ou ficando circunscritas a um pequeno texto, publicado em apenas uma edição do jornal.

É nesse contexto que nos propomos a apresentar neste artigo alguns apontamentos críticos sobre os gestos empreendidos pelo jornalismo na abordagem de situações que envolvem violência contra meninos e meninas no âmbito do grupo doméstico. A fim de compreender tais gestos, nos concentraremos na análise de matérias veiculadas na internet e na televisão sobre o caso ocorrido em Sete Lagoas. Cientes de que a atribuição de um nome a um determinado acontecimento traz implicações (ANTUNES, 2012; PEDEMONTE, 2010), neste trabalho optamos por nos referir ao caso em tela como o “caso de Sete Lagoas”.

## **Perspectivas de análise**

Para investigar os regimes de visibilidade, nossa pesquisa se interessa de modo particular pela compreensão das representações sociais acerca da violência contra crianças e adolescentes presentes em textos jornalísticos que abordam o tema. Como realça França, o ato comunicativo aciona e se funda na representação social, de maneira singular ele atualiza e interfere “no ‘terceiro simbolizante’<sup>6</sup> que o orientou” (FRANÇA, 2003, p. 16). Nossa proposta se inscreve, dessa maneira, na tentativa de esta-

<sup>6</sup> Partindo de Quéré (1982), o terceiro simbolizante é aquilo que atua na interação estabelecendo um terreno comum entre os sujeitos.

belecer relações entre os textos jornalísticos e este “terceiro simbolizante”, entendendo que estes elementos se constituem de forma recursiva. Pois, como destaca França, os produtos jornalísticos acionam os conhecimentos presentes no terceiro simbolizante de forma que possam ser compreendidos e inseridos em quadros mais amplos da interação social e também atuam fortemente na atualização (seja para confirmar, seja para estabelecer novos sentidos) destes saberes.

Assim, nosso esforço neste trabalho será o de relacionar os textos jornalísticos às noções contemporaneamente associadas a temas como família e proteção de crianças e adolescentes, de modo a perceber as representações acionadas que ajudam a conferir sentido ao ocorrido. Ao realizar este mapeamento, privilegiaremos a apreensão de três aspectos: o início da história; as causas apresentadas; e a forma de construção dos sujeitos presentes nos relatos analisados.

A busca pelo início da história inspira-se na tese defendida pelo antropólogo e cientista político Luiz Eduardo Soares em *Justiça: pensando alto sobre violência, crime e castigo*. Na referida obra, o autor defende que “o sentido de uma história depende do ponto a partir do qual começamos a relatá-la” (SOARES, 2011, p. 18). O contato que temos estabelecido com produtos jornalísticos acerca da violência nos mostra que esta é uma abordagem que pode ser bastante reveladora. Se o início da história interfere diretamente no sentido construído, esta noção também leva ao tensionamento de padrões comumente estabelecidos para o fazer jornalístico, que prescrevem que os acontecimentos devem ser narrados a partir daquilo que se considera mais relevante para sua compreensão. Assim, ao buscar o início da história presente nas notícias analisadas – que não necessariamente se confunde com o início do relato –, poderemos observar os elementos que o jornalismo escolhe para narrar os crimes violentos, que, por consequência, são aqueles que os jornalistas julgam mais importantes, e observar como estas escolhas interferem nos sentidos construídos acerca da violência contra meninos e meninas. Observar o início das histórias poderá nos ajudar a compreender também em que medida o jornalismo, com seus produtos simbólicos, contribui

para outro gesto apontado por Luis Eduardo Soares: o de “classificar as pessoas aprisionando-as a um momento de sua vida, no qual elas foram autoras de atos condenáveis” (SOARES, 2011, p. 62).

O segundo operador que propomos mobilizar é a identificação das possíveis causalidades atribuídas à agressão cometida contra os irmãos gêmeos em Sete Lagoas. Os textos jornalísticos operam no âmbito de esquemas cognitivos ao criarem categorias de eventos – ações, protagonistas e circunstâncias – a serem identificados e produzirem relações de causalidade entre tais elementos relatados nas notícias. Na composição do relato, a articulação dos elementos implica o estabelecimento de relações de causalidade entre eventos que aparecem, por exemplo, em uma dada sequência, indicando que algo acontece por causa de outro evento. Em geral tais eventos não são recapitulados em sequência cronológica, na ordem em que ocorreram. Há uma ordem lógica subjacente ao relato, causas que ligam eventos em relações significativas, criando uma coerência que têm interferência direta na compreensão destes crimes.

Por fim, circunscrevemos as representações da violência contra crianças e adolescentes neste trabalho àquelas relacionadas ao grupo doméstico, que inclui todas as relações de parentesco e de proximidade em que a criança ou o adolescente está inserido. Optamos por olhar especificamente para este âmbito porque a violência entre pessoas próximas causa sensações distintas em comparação com situações em que o agressor é um desconhecido, como revelam autores que pesquisam os crimes violentos (ANTUNES, 2012). Para delimitar o que consideramos como grupo doméstico, partimos da conceituação presente na proposta de reformulação do Código Penal apresentada por um grupo de profissionais das áreas da Medicina e do Direito que atuam no estado do Paraná. As relações “próximas à família” são caracterizadas por esses profissionais como aquelas protagonizadas “por qualquer tipo de **cuidador, seja oficial, comunitário ou ligado por laços de amizade, coabitação ou convivência aos núcleos familiares**” (MACHADO, 2012, p. 14, grifo nosso). Assim, consideramos que o “universo de conhecidos” de crianças e adolescentes extrapola os vínculos familiares e o espaço da moradia.

O caso analisado neste trabalho restringe-se ao seio familiar, uma vez que as notícias identificam a mãe como agressora e os filhos como vítimas. Dessa forma, faz-se necessário explicitar também o conceito de família com o qual trabalhamos, elaborado da seguinte forma por Elisabete Bilac: “estrutura particularista de relações entre sexos e gerações organizada pelo princípio do parentesco (consanguíneo e de aliança), implicando em direitos e deveres recíprocos e vínculos de poder também de dependência afetiva, econômica e social entre seus membros” (BILAC, 2000, p. 35). Como a própria autora destaca, a noção de família vem passando por constantes mudanças, pois os próprios arranjos familiares têm se transformado<sup>7</sup>. Na sociedade contemporânea divórcios e recasamentos se tornaram mais frequentes, assim novas relações emergem e não se encaixam nas noções de parentesco já definidas (BILAC, 2000).

### **Jornalismo e representações da violência**

Em termos quantitativos, a investigação acerca das representações sobre a infância e a adolescência em produtos jornalísticos não tem originado um número expressivo de pesquisas e, dentre os trabalhos realizados com este viés, é fundamental mencionar o investimento realizado pela pesquisadora Cristina Ponte. A autora realizou estudo sobre as representações da infância em jornais impressos publicados em Portugal pelo período de 30 anos, de 1970 a 2000, e aponta como este trabalho permitiu ilustrar “de forma exemplar as muitas formas de construção do social potenciadas pelo jornalismo” (PONTE, 2005, p. 16). A partir da observação desses periódicos, Ponte classifica as crianças como “matéria periférica entre as periféricas” (PONTE, 2005, p. 16) e reforça que a construção do discurso sobre a infância na imprensa de informação geral é uma das áreas mais ignoradas pelos trabalhos de análise de mídia.

<sup>7</sup> Bilac também destaca que na sociedade contemporânea este modelo não funcionará da mesma forma em todos os segmentos sociais. Acreditamos que nossa análise também poderá contribuir com este debate.

Os estudos indicam, contudo, que a cobertura sobre a temática tem se ampliado na mídia informativa, graças principalmente às ações de *advocacy* de um conjunto de instituições da sociedade civil (WAISBORD, 2009). Estudos comparativos internacionais buscam também compreender similaridades e diferenças nas representações da infância nas coberturas jornalísticas de diferentes países (MASCHERONI *et al.*, 2010). Ponte, em um posterior monitoramento de jornais portugueses, identifica uma redefinição de itens da agenda jornalística da infância e mudanças de padrões editoriais. São agora recorrentes as notícias voltadas para conflitos ou acidentes, para questões relativas às formas de educação e uma atenção específica para violências cometidas contra crianças. Mas indica-se também a permanência de abordagens marcadas ora pela demonização das crianças, ora por sua vitimização, com a manutenção de um traço comum: a cobertura jornalística permanece alicerçada em casos singulares com utilização de fortes componentes morais e emocionais (PONTE, 2007a; 2007b).

No interior deste amplo universo relacionado às representações da infância e da adolescência, nosso trabalho se interessa de maneira particular pelos regimes de visibilidade engendrados pela cobertura jornalística, o que significa propor uma investigação atenta à relação entre jornalismo e informação, nos termos definidos por Maurice Mouillaud:

Parece-nos que toda e qualquer informação engendra o desconhecido, no mesmo movimento pelo qual informa; inicialmente, porque produzir uma superfície visível induz um invisível como seu avesso (a vitrine mostra e esconde, a palavra diz e não diz): um invisível que não pode mais ser destacado do visível; o avesso de um tecido não o pode ser de seu direito (MOUILLAUD, 2002, p. 39).

Nesta abordagem, a informação não é vista como reflexo íntegro do real, relato fidedigno de acontecimentos, mas é entendida como resultado de um gesto que reúne elementos dispersos em uma unidade homogênea. “Dizer ‘o que ocorreu’ obriga selecionar certos dados e ligá-los, entre si, para formar um fio; então, ‘algo ocorreu’, figuras tornam-se manifestas no tecido existencial” (MOUILLAUD, 2002, p. 42).

Este processo, como sinaliza Mouillaud, não é propriedade da mídia, mas tem um início anterior aos aparelhos próprios dos meios de comunicação.

Na construção da informação, o dito oferece também os contornos do não dito. A informação é, pois, uma sombra, uma vez que nunca poderemos nos deparar com a coisa em si mesma. O que acessamos é representação e esta é a resposta de um corpo, o objeto para o qual lançamos nosso olhar, em relação ao fluxo de perguntas que lhe propomos. Delimita-se, assim, um quadro, que se observa. As bordas deste quadro colocam em evidência os elementos pelos quais nos perguntamos e, ao mesmo tempo, apresentam os limites daquilo que não poderemos ver. Diante destas definições, o autor conclui: “o visível é, só pode ser, uma sombra!” (MOUILLAUD, 2002, p. 46).

É partilhando desse entendimento que ao analisar os relatos jornalísticos relacionados ao caso de Sete Lagoas nosso esforço será o de identificar os diferentes regimes de visibilidade ali instaurados, buscando compreender quais são os elementos que participam da construção desses regimes, o que se coloca em evidência e o que permanece na ordem do não dito, construindo um mapa daquilo que permanece invisível a partir das informações que vêm à tona.

Os regimes de visibilidade pelos quais nos perguntamos estão relacionados, em grande medida, a acontecimentos. No caso específico deste trabalho, lançamos nosso olhar a um acontecimento que envolve a violência contra crianças no seio familiar. De acordo com Louis Quéré, a maioria dos acontecimentos relevantes tem como característica a ruptura com o previsto. “Os acontecimentos importantes são, em grande parte, inesperados. Esta descontinuidade provoca surpresa e afeta a continuidade da experiência porque a domina” (QUÉRÉ, 2005, p. 61). Dessa forma, são facilmente perceptíveis alguns dos elementos que atribuem o caráter “inesperado” ao caso de Sete Lagoas: dois irmãos, de um ano e cinco meses, caem (ou são arremessados?) da janela do quarto andar de um prédio. A mãe aparece como principal suspeita da agressão, assim o ato violento é praticado por alguém de quem se espera prote-

ção e cuidados. Entretanto, estes elementos também aparecem no caso Isabella Nardoni e em centenas de relatos publicados pelos jornais, dentre eles o caso Isabela Nardoni. Logo, é preciso investigar com maior profundidade a cobertura dos grandes e dos pequenos casos.

Nesse sentido, outro aspecto relacionado ao acontecimento assinalado por Quéré pode representar uma chave para a compreensão dos diferentes regimes de visibilidade alcançados pelos casos, já que “o verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. (...) Quer dizer que ele afeta alguém, de uma maneira ou de outra, e que suscita reações e respostas mais ou menos apropriadas” (QUÉRÉ, 2005, p. 61).

Numa primeira visada, as discrepâncias presentes na cobertura dos casos de violência contra crianças e adolescentes nos indicam que estes acontecimentos de fato acionam afetações em graus distintos. Esse poder de afetação não é algo intrínseco ao acontecimento, mas encontra-se numa relação estreita com as representações e os valores da sociedade contemporânea. Alcançará grande repercussão não o que o caso trará de inesperado em si mesmo, mas os elementos que ele tensiona frente às expectativas que a sociedade tem em relação àquela situação por ele enredada. A noção de representação social permite articular a emergência desses acontecimentos e os regimes de visibilidade que poderão ser engendrados com a concorrência do relato jornalístico. Como parte da realidade que nos é acessível, tais relatos, podemos dizer, reúnem informações já dobradas por representações sociais (MOSCOVICI, 2009). Vemo-las sempre por meio de categorias e hábitos culturais herdados, sistemas de classificação aprendidos, gestos já esperados.

Além de prescritivas, pois se impõem sobre nós com uma força imbatível, Moscovici explica que as representações sociais são fruto de interações coletivas, não é possível a um indivíduo, isoladamente, criar uma representação. Assim, a comunicação ocupa um papel central na elaboração e no compartilhamento das representações sociais. A comunicação é o que permite as interações entre as pessoas e essa elaboração

coletiva. Por seu turno, são as representações sociais que viabilizam a comunicação, pois elas possibilitam o entendimento, a troca simbólica, ao mediar os sentidos construídos acerca das pessoas e dos objetos. Comunicação e representações sociais estabelecem, dessa maneira, uma relação de recursividade. E por meio dessa circularidade, uma função central se constitui: “a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade” (MOSCOVICI, 2009, p. 54, grifos do autor). Como apontaremos com mais detalhes nos tópicos a seguir, lidaremos neste trabalho com uma significativa ruptura de expectativas, pois o que se espera do grupo doméstico em relação a crianças e adolescentes são gestos de proteção e não de violência. Diante deste quadro, quais representações são acionadas nos textos jornalísticos para lidar com essa não familiaridade representada pela agressão contra meninos e meninas?

Interessa-nos também observar quem são e como são construídos os sujeitos envolvidos nos relatos jornalísticos analisados e, nesse sentido, a noção de representação social também nos oferece entradas que podem ser frutíferas. Segundo Moscovici, dois processos geram a representação social: a ancoragem e a objetivação. O primeiro procura ancorar as ideias não familiares junto a categorias e imagens comuns; trata-se de um esforço de associá-las àquilo que já se conhece. O autor enfatiza que a ancoragem implica classificar e atribuir rótulos, um processo que não abre espaço à neutralidade. “Quando classificamos uma pessoa entre os neuróticos, os judeus ou os pobres, nós obviamente não estamos apenas colocando um fato, mas avaliando-a e rotulando-a. E neste ato, nós revelamos nossa ‘teoria’ da sociedade e da natureza humana” (MOSCOVICI, 2009, p. 62). Já a objetivação consiste no exercício de tornar algo que é abstrato em concreto, conferindo tangibilidade e visibilidade ao fenômeno (MOSCOVICI, 2009).

Essas dinâmicas de elaboração das representações sociais procuram enfrentar a instabilidade e a falta de sentido que o inesperado nos apresenta e estão no coração mesmo do relato noticioso e do processo de construção do acontecimento jornalístico. No entanto,

essa forma de agir e compreender o mundo traz implicações que merecem consideração.

No pensamento social, a conclusão tem prioridade sobre a premissa e nas relações sociais, conforme a fórmula adequada de Nelly Stephane, o veredicto tem prioridade sobre o julgamento. Antes de ver e ouvir a pessoa, nós já a julgamos; nós já a classificamos e criamos uma imagem dela (MOSCOVICI, 2009, p. 58).

Identificar tais julgamentos e classificações nos textos jornalísticos, apresentados pelos meios de comunicação como isentos, é um dos principais gestos que nos propomos a empreender neste trabalho. Como realça Pedemonte, “Os jornalistas gerem as representações sociais dos grupos humanos e com frequência, na representação dos sujeitos e de suas ações, incorrem na discriminação”<sup>8</sup> (PEDEMONTE, 2010, p. 143, tradução nossa).

## **A construção social da família e da infância**

A família é uma construção social e o que a faz existir é um sentimento compartilhado pelos indivíduos (ARIÈS, 1981). Esse grupo tem existência remota, mas a sua valorização na sociedade ocidental acontece simultaneamente ao desenvolvimento da classe burguesa e de seus valores, a partir do século XVI. O historiador Philippe Ariès defende que a mudança na forma de educação das crianças tem íntima relação com o aparecimento e desenvolvimento da noção de família. A escola substituiu a aprendizagem, processo pelo qual as crianças eram enviadas ao convívio de outras famílias para que aprendessem um ofício e boas maneiras. O autor atribui duas razões para tal mudança. Uma está relacionada à preocupação de se manter crianças e adolescentes longe do mundo adulto, de forma que preservassem sua inocência; a outra corresponde à

<sup>8</sup> Los periodistas gestionan las representaciones sociales de los grupos humanos y con frecuencia, en la representación de los sujetos y de sus acciones, incurrir en la discriminación.

“preocupação dos pais de vigiar seus filhos mais de perto, de ficar mais perto deles e de não abandoná-los mais, mesmo temporariamente, aos cuidados de uma outra família” (ARIÈS, 1981, p. 232).

Tais preocupações ainda ocupam posição fundamental na concepção de família que prevalece contemporaneamente. Ela ainda deve ter uma forma nuclear, assegurar “cuidados, proteção, aprendizado dos afetos, construção de identidades e vínculos relacionais de pertencimento, capazes de promover melhor qualidade de vida a seus membros e efetiva inclusão social na comunidade e sociedade em que vivem” (CARVALHO, 2000, p. 13). Por seu turno, a crianças e adolescentes associa-se a fragilidade, a necessidade de atenção especial até que se atinja a fase adulta.

Construído ao longo de séculos, não há um marco que possa sinalizar a consagração do conceito de infância. Os estudos de Ariès apontam que essa descoberta tem início no século XIII, mas é no fim do século XVI e ao longo do XVII que a história da arte e da iconografia revela a presença de sinais significativos. A pesquisadora portuguesa Cristina Ponte chama atenção para a virada entre os séculos XIX e XX, quando ocorre uma transformação radical no valor social da criança. Essa mudança implica na sobreposição da dimensão econômica pelas dimensões afetiva e simbólica. “A nova criança sacralizada veio ocupar um mundo especial e separado, regulado pelos afetos e pela educação, não pelo lucro que dela se podia recolher. Era mantida fora do mercado e das ruas, sem utilidade, mas amada, protegida e vigiada” (PONTE, 2005, p. 37).

Outro aspecto a ser realçado é o de que apesar da legislação brasileira, em consonância com tratados internacionais, garantir os mesmos direitos a crianças e adolescentes, independentemente de classe social, gênero ou contexto cultural, as situações vividas mostram grandes heterogeneidades. “A universalização de um modelo singular da ‘criança feliz’ é a imagem de uma ‘criança ideal’, tendencialmente branca e da classe média” (PONTE, 2005, p. 38). No polo oposto estão as “*outras crianças*”, como classifica Cristina Ponte: possuem uma infância marcada pela pobreza e desproteção, é como se vivessem uma infância “incorreta” dentro desse imaginário.

Num esforço para universalizar a proteção à infância, a ONU (Organização das Nações Unidas) aprovou, em 1959, a Declaração Universal dos Direitos da Criança, que proclamou dez princípios para o desenvolvimento de garotos e garotas. A ratificação desta Declaração e a existência de atores engajados na melhoria das condições de vida de meninos e meninas que viviam nas ruas de todo o país estão entre os fatores que levaram o Brasil a elaborar o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90). Principal marco legal brasileiro no que tange aos direitos e deveres infantojuvenis, o Estatuto define a criança como a pessoa de zero a doze anos de idade incompletos e a adolescência compreende a faixa etária dos doze aos dezoito anos.

### **Análise da cobertura jornalística**

Neste trabalho faremos a análise de quatro notícias relacionadas ao caso de Sete Lagoas: duas delas publicadas no site da *Folha de S. Paulo*, nos dias 7<sup>o</sup> e 8 de dezembro<sup>9</sup>, uma exibida no *Jornal da Alterosa – 1ª edição*<sup>11</sup>, produzido pela TV Alterosa, e outra exibida no *Jornal Hoje*<sup>12</sup>, produzido pela Rede Globo de Televisão. Optamos pela análise destas notícias pela proximidade temporal que apresentam com o acontecimento, que irrompeu na noite de 7 de dezembro. O primeiro contato com o caso se deu por meio da notícia publicada no site da *Folha*, no dia 7 de dezembro, à noite. Este é o único texto considerado em nossa análise que foi publicado no mesmo dia do ocorrido, os outros três circularam no dia seguinte, 8 de dezembro. Destes três, dois fazem parte de telejornais exibidos no

<sup>9</sup> HENNEMAN, G. Mãe é presa sob suspeita de jogar gêmeos de 1 ano da janela em MG. *Folha.com*, São Paulo, 7 dez. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1018257-mae-e-presa-sob-suspeita-de-jogar-gemeos-de-1-ano-da-janela-em-mg.shtml>>. Acesso em: 31 mai. 2012.

<sup>10</sup> HENNEMAN, G. Mulher que jogou gêmeos pela janela tem depressão pós-parto, diz mãe. *Folha.com*, São Paulo, 8 dez. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1018689-mulher-que-jogou-gemeos-pela-janela-tem-depressao-pos-parto-diz-mae.shtml>>. Acesso em: 31 mai. 2012.

<sup>11</sup> Jornal da Alterosa. Disponível em: <[http://www.alterosa.com.br/html/noticia\\_interna,id\\_sessao=7&id\\_noticia=66156/noticia\\_interna.shtml](http://www.alterosa.com.br/html/noticia_interna,id_sessao=7&id_noticia=66156/noticia_interna.shtml)>. Acesso em: 31 mai. 2012.

<sup>12</sup> Jornal Hoje. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2011/12/mae-e-presa-suspeita-de-jogar-gemeos-pela-janela-do-apartamento-em-mg.html>>. Acesso em: 31 mai. 2012.

horário do almoço (*Jornal da Alterosa*, às 13h e *Jornal Hoje*, às 13h20), portanto, são relatos que podemos considerar ainda bem próximos da ocorrência, pois as reportagens foram produzidas ao longo da manhã do dia seguinte. A matéria publicada no site da *Folha* no dia 8 de dezembro, às 18 horas e 55 minutos, é considerada em nossa análise para que possamos avaliar se há mudanças significativas entre a primeira notícia publicada e sua respectiva suíte.

A análise de reportagens exibidas em telejornais se justifica também pela repercussão que possuem junto à população. Ainda que o *Jornal da Alterosa* seja exibido apenas para o estado de Minas Gerais, interessamo-nos em observá-lo por sua expressão significativa junto ao público de Belo Horizonte e Região Metropolitana e, principalmente, porque privilegia a abordagem de pautas policiais. A opção pelo *Jornal Hoje* se dá justamente por sua abrangência nacional e pelo contraponto que poderia representar ao *Jornal da Alterosa*, uma vez que se caracteriza pela abordagem de temas mais “amenos” – que se adequariam melhor à hora do almoço – não podendo negligenciar, no entanto, notícias que possuem apelo junto ao público.

Um aspecto fundamental para compreender o caso aparece de maneira controversa nos relatos. Ainda que apresentem a mãe na condição de suspeita, as notícias da *Folha* e do *Jornal da Alterosa* afirmam que ela teria jogado as crianças da janela do quarto andar e, de acordo com a polícia, confessou o crime. Na chamada da matéria realizada no estúdio, a apresentadora do *Jornal Hoje* destaca esta acusação, que também aparece no início da reportagem, mas, ao contrário do que aparece nos outros textos, a repórter afirma que a mãe negou a autoria do crime: “Em depoimento, Gisele negou as acusações. Segundo ela, os gêmeos queriam ver a avó, que estava no térreo, e num momento brusco acabaram caindo” (JORNAL HOJE, 08 dez. 2011). Em ocorrências como essas é esperado que existam versões controversas; no entanto, informações radicalmente opostas sobre o conteúdo do depoimento da mãe são atribuídas à mesma fonte: a polícia. Destaca-se que em nenhuma das notícias analisadas a mãe foi entrevistada, a versão do que ela teria feito é apresentada por terceiros (a polícia e a avó materna). Além disso, as reportagens têm como

foco o envolvimento da mãe com o ocorrido, explorando o “choque” que este tipo de comportamento provoca. O ponto central das matérias é marcado, portanto, por uma informação de contornos pouco nítidos. É importante observar também que, para contar o que ocorreu, as matérias reúnem aspectos que vão apenas reforçar a versão de que a mãe cometeu o crime, gesto presente mesmo na reportagem do *Jornal Hoje*, única a afirmar que mãe teria negado a autoria do crime.

### **Onde começa?**

Como explicitado anteriormente, compartilhamos da tese de Soares (2011) de que o início de uma história interfere diretamente no sentido construído em torno dela. Assim, investimos no mapeamento desse começo nos textos analisados. Importante esclarecer que o início da história para nós não corresponde, necessariamente, às informações que são veiculadas na abertura dos textos. No entanto, nos casos analisados vale destacar que os elementos acionados nos títulos das matérias da internet e na abertura das matérias de TV chamam a atenção para o fato (ora apresentado como confirmado, ora como suspeita) de que a mãe arremessou dois bebês pela janela. Ainda que não haja uma citação nominal, é possível perceber que essas informações fazem referência ao caso Isabella Nardoni, evocando nos leitores / telespectadores uma memória de fatos recentes.

Ao nos perguntarmos pelo começo destas histórias, buscamos observar também em que medida as narrativas jornalísticas são capazes de retroceder e buscar informações anteriores ao fato que desencadeou a produção daquela notícia, construindo um fio condutor que colabore para a compreensão do que ocorreu.

De maneira geral, os textos analisados não fazem um grande recuo no tempo ao abordar o caso. Na *Folha*, a história começa com a negativa da avó materna em ficar com os netos. “Em depoimento, Gisele disse que estava segurando as crianças no colo e as atirou pela janela após a

mãe ter se negado a cuidar dos meninos”<sup>13</sup>. Nos telejornais um dado anterior é apresentado a partir de entrevistas realizadas com o pai. Segundo Tales Balduino, Gisele já havia ameaçado jogar as crianças da janela durante brigas do casal. Ele, inclusive, teria chamado a polícia e registrado um boletim de ocorrência. Dessa forma, o início da história está em um momento anterior à noite do dia 7 de dezembro, mas observamos que estas informações são acionadas para dar mais plausibilidade à suspeita de que a mãe tenha cometido o crime, reforçando a tese de que Gisele teria contrariado suas atribuições como mãe. Entretanto, como apontaremos no tópico seguinte, os veículos fazem apresentações distintas das possíveis explicações para este tipo de comportamento “desviante”.

### **Por que aconteceu?<sup>14</sup>**

A observação das causas atribuídas à história que estamos analisando é bastante reveladora. Apenas as duas matérias da *Folha de S. Paulo* trazem a informação de que a mãe sofria de depressão. Na matéria publicada no dia 8 de dezembro essa informação ganha, inclusive, destaque no título: “Mulher que jogou gêmeos pela janela tem depressão pós-parto, diz mãe”. É também nessa notícia que encontramos a explicação mais detalhada sobre as causas que ajudariam a compreender a atitude tomada pela mãe, por meio de um trecho de uma entrevista concedida pela avó materna: “‘Ela teve depressão pós-parto, os médicos deram um laudo dizendo que ela estava impossibilitada de trabalhar. Tinha se separado e estava muito deprimida. Foi uma soma de problemas que resultou nesse descontrole’, disse Maria de Fátima de Oliveira, 44, mãe de Gisele”<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> HENNEMAN, G. Mãe é presa sob suspeita de jogar gêmeos de 1 ano da janela em MG. *Folha.com*, São Paulo, 7 dez. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1018257-mae-e-presa-sob-suspeita-de-jogar-gemeos-de-1-ano-da-janela-em-mg.shtml>>. Acesso em: 31 mai. 2012.

<sup>14</sup> Ainda que façamos a apreensão do início e das causas das histórias em etapas distintas de nosso trabalho, estes aspectos não se encontram separados de forma estanque nos textos analisados, ao contrário, eles se mantêm em estreita relação e contribuem para a construção de sentidos. A distinção procura apenas tornar a análise mais operativa.

<sup>15</sup> HENNEMAN, G. Mulher que jogou gêmeos pela janela tem depressão pós-parto, diz mãe. *Folha.com*, São Paulo, 8 dez. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1018689-mulher-que-jogou-gemeos-pela-janela-tem-depressao-pos-parto-diz-mae.shtml>>. Acesso em: 31 mai. 2012.

Nas notícias dos telejornais não há qualquer menção ao quadro depressivo enfrentado pela mãe e é possível observar como ela já é acionada nos relatos como “presa” ao ato criminoso. Mais do que isso, reforça-se a imagem de uma pessoa irresponsável, cruel e caprichosa, que diante da recusa da avó em ficar com os netos arremessa-os pela janela. Interessante observar como a construção dessa imagem de irresponsabilidade ganha força com a apresentação do motivo que fez Gisele pedir à sua mãe para ficar com os netos. Em todos os textos, afirma-se que ela desejava ir a um encontro com o pai das crianças, mas neste ponto há uma diferença muito significativa sobre a forma como tal informação é apresentada. Nas reportagens dos dois telejornais, menciona-se apenas que Gisele desejava ir a um encontro, o que dá margem à compreensão de que ela estaria se esquivando das suas funções maternas para ir a um encontro amoroso. Os trechos a seguir mostram como o encontro é mencionado nas matérias televisivas:

De acordo com a polícia, Gisele pediu para que a mãe dela tomasse conta dos netos porque ela queria sair para outra cidade para se encontrar com o ex-marido, pai das crianças. A avó não pode ficar com os gêmeos porque também precisava sair para trabalhar e assim ela fez (JORNAL DA ALTEROSA, 08 dez. 2011).

A mãe dela contou à polícia que a filha insistiu para que ela ficasse com as crianças, como se recusou, Gisele teve um acesso de raiva e atirou os bebês pela janela. A avó dos meninos disse que Gisele queria se encontrar com o pai das crianças e por isso acabou discutindo com a mãe (JORNAL HOJE, 08 dez. 2011).

Constrói-se dessa forma uma relação de causa e efeito que de fato provoca estupor diante de um comportamento que se demonstra gratuitamente cruel. A *Folha*, no entanto, apresenta dois dados que tornam a sua trama diferente em aspectos muito relevantes, pois além de mencionar que a mãe sofre de depressão, as notícias publicadas em 7 e 8 de dezembro afirmam que, de acordo com a polícia, Gisele precisava buscar dinheiro com o ex-namorado, como se pode observar no trecho a seguir: “Em depoimento, Gisele relatou à polícia que precisava viajar

a Nova Lima (MG) para buscar dinheiro com o ex-namorado e pai das crianças e que se desesperou ao não ter com quem deixar os gêmeos”<sup>16</sup>. Dessa maneira, o encontro, que parece ter apenas uma finalidade amorosa de acordo com as matérias veiculadas nos telejornais, assume outro contorno quando relatado pelos dados reunidos nas matérias veiculadas na internet. A presença (e a ausência) dessas informações exerce uma influência bastante significativa nas representações presentes nos textos, como poderemos observar adiante. Além disso, não se trata apenas de constatar diferenças na apuração ou avaliar se as matérias são mais ou menos completas, mas estamos nos referindo a um processo complexo de construção e atribuição de sentidos. Trata-se da competência hermenêutica dos meios, como define Pedemonte: “O relato dá forma ao sentido da existência. [...] Criar um sentido para a vida com a linguagem: não é pouco. Os problemas se tornam claros quando são nomeados” (PEDEMONTE, 2010, p. 17, tradução nossa)<sup>17</sup>.

### **Quem está em cena?**

Neste ponto retomamos a concepção de França (2003) de que o ato comunicativo, ao mesmo tempo em que aciona, também, tem como base as representações sociais e estas serão tanto reforçadas ou questionadas ao longo das trocas comunicativas. As representações de família, infância e, especialmente, da figura materna estão no cerne do caso analisado. Como já realçamos, a sociedade contemporânea entende que as crianças são seres frágeis e indefesos que necessitam de proteção. Quanto mais novas, mais se acentuam essas características. Os irmãos envolvidos nos relatos que estamos analisando possuem um ano e cinco meses de idade e o fato de serem as vítimas nesse acontecimento gera comoção.

<sup>16</sup> HENNEMAN, G. Mulher que jogou gêmeos pela janela tem depressão pós-parto, diz mãe. *Folha.com*, São Paulo, 8 dez. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1018689-mulher-que-jogou-gemeos-pela-janela-tem-depressao-pos-parto-diz-mae.shtml>>. Acesso em: 31 mai. 2012.

<sup>17</sup> El relato le da forma al sentido de la existencia. [...] Crear un sentido para la vida con el lenguaje: no es poco. Los problemas se aclaran cuando se les pone nombre.

O depoimento de um vizinho, veiculado na matéria do *Jornal da Alterosa*, é bastante ilustrativo a esse respeito. Com a voz embargada e visivelmente emocionado, ele diz: “Tô horrorizado, como se diz jogar duas crianças. Olha bem a situação, duas! Uma já é difícil e duas? Numa idade dessa de um ano e meio. É muita crueldade, desculpa, eu tô aterrorizado até agora” (JORNAL DA ALTEROSA, 08 dez. 2011).

Em todos os textos é possível captar a ruptura de expectativas que a agressão gera, não apenas pelo fato de envolver as crianças “indefesas”, mas principalmente, pela suspeita de que a agressão tenha partido da mãe, socialmente representada como símbolo do amor incondicional, aquela que deve estar sempre disposta a fazer renúncias em nome dos filhos. O conflito gerado quando a figura materna assume o papel de algoz se evidencia em vários momentos dos textos, tornando-se, inclusive, o mote principal das notícias. Nas duas matérias dos telejornais, aparece a expressão “pela própria mãe”, o que reforça o choque provocado por esse gesto de violência:

Eles [os irmãos de um ano e cinco meses] teriam sido jogados de uma altura de 12 metros, desta janela do quarto andar, **pela própria mãe**. Giselle Pereira da Fonseca, de 25 anos, foi presa em flagrante e vai responder por dupla tentativa de homicídio. (Jornal da Alterosa, 08 dez. 2011, grifo nosso)

10 metros de altura. Foi desta janela no quarto andar que os gêmeos de um ano de cinco meses caíram. Como isso aconteceu é o que chocou os vizinhos. As crianças teriam sido jogadas da janela **pela própria mãe**. Gisele Pereira da Fonseca, de 25 anos, foi presa em flagrante por dupla tentativa de homicídio qualificado. (Jornal Hoje, 08 dez. 2011, grifo nosso)

No *Jornal Hoje* a expressão também aparece na chamada da matéria feita em estúdio, mas ao dizer “pela própria mãe”, a apresentadora está fazendo referência à avó materna: “As crianças têm um ano e cinco meses, elas caíram do quarto andar, mas felizmente sobreviveram. A jovem nega que tenha jogado os filhos, mas é acusada **pela própria mãe**” (JORNAL HOJE, 08 dez. 2011). Neste trecho a imagem da mãe também é evocada no sentido de que às mães cabe o exercício da proteção e que

se alguém é acusado “pela própria mãe” é porque esta acusação é grave e, muito possivelmente, verdadeira, pois a mãe não acusaria a filha em vão.

A imagem da mãe protetora, incapaz de fazer mal aos filhos também é acionada pelos depoimentos do pai presentes nas duas notícias dos telejornais. Ele afirma que não acreditava que Gisele fosse capaz de concretizar as ameaças que fazia às crianças. É este argumento do pai que, inclusive, encerra a matéria do *Jornal da Alterosa*: “Nunca imaginei porque eu pensava o seguinte: ela é mãe, né? Que mãe seria capaz de fazer isso com o filho?” (JORNAL DA ALTEROSA, 08 dez. 2011).

Buscar pela representação do pai, Tales Balduino, é outro ponto de análise instigante. Nas matérias da *Folha*, menciona-se apenas que a mãe precisa buscar dinheiro com o pai. Ele não é entrevistado pela reportagem. Vale destacar que a *Folha* cita como fontes apenas a polícia e a avó materna, enquanto os telejornais citam informações obtidas com a polícia e o pai das crianças. O *Jornal da Alterosa* ouviu também dois vizinhos das crianças e a avó paterna. O que nossa análise revela é que a participação das fontes interfere de forma substantiva nos relatos construídos. Único a ouvir a avó materna, o relato da *Folha* consegue apresentar de forma um pouco mais complexa o quadro de motivações do caso, por outro lado, nos dois textos produzidos para o site não há nenhuma informação sobre o pai ou as possíveis causas que ele possa atribuir ao que aconteceu. Já nos telejornais ele aparece com destaque e concede entrevistas em ambos. Não há informações sobre sua idade e ocupação, pelas imagens é possível observar que se trata de um rapaz jovem, possivelmente mais jovem do que Gisele, que tem 25 anos. Ele assume uma posição acusatória em relação à ex-mulher, afirmando que ela já havia feito ameaças e que não se conformava com a separação dos dois. Nas reportagens é possível observar que se atribui ao pai um nível de responsabilidade distinto daquele destinado à mãe, pois, mesmo sabendo das ameaças, ele não é considerado negligente. Em nenhuma das reportagens pergunta-se há quanto tempo ele não via os filhos ou se contribuía financeiramente para os cuidados demandados por eles. É como se o pai passasse a existir e a ter funções a cumprir apenas depois

que a mãe se mostrasse inabilitada para isso. Não se trata, desse modo, de uma responsabilidade efetivamente compartilhada, mas de algo que cabe com prioridade à mãe, apenas no caso de ela falhar é que entra em cena a figura do pai.

Nesse sentido, a observação dos textos nos permite constatar que prevalece a representação de que o cuidado com a prole é uma responsabilidade que compete às mulheres; concepção que se reforça pelos outros personagens acionados nas matérias: as avós. A avó materna aparece na condição de mãe da suspeita, testemunha e elemento-chave na história, pois diante da sua negativa em ficar com os netos é que Gisele teria tomado a decisão de agredi-los. Cabe a ela oferecer algumas pistas que ajudem a entender e justificar o comportamento de sua filha. Já a avó paterna aparece para reforçar o discurso do filho e confirmar que a nora já havia ameaçado as crianças.

Por fim, é preciso atentar também para aqueles elementos que não ganham destaque nos relatos jornalísticos, ficando relegados a uma zona obscura, mas que julgamos importantes para o entendimento do contexto em que a situação se desenrolou. Pelas imagens da TV é possível observar que se trata de um casal jovem, ambos pardos e pobres. A mãe, de acordo com as matérias da *Folha*, é operadora de caixa. Não se sabe há quanto tempo o casal se separou, mas, de acordo com o pai, o casamento era conturbado. Não há informações sobre em que condições a mãe cuidava dos filhos gêmeos, mas não havia outra pessoa, além dela mesmo, que pudesse tomar conta das crianças naquela noite, uma vez que a avó materna precisava sair pra trabalhar. A reunião de todos esses elementos revela, assim, um cenário pouco confortável. No entanto, na trama tecida por cada um dos relatos jornalísticos tais elementos não aparecem em destaque, ou seja, não são colocados explicitamente em ordem para explicar o que ocorreu. Ressalta-se novamente que a mãe, apontada como protagonista da história, não é entrevistada em nenhum dos textos analisados.

## Considerações finais

Destacamos que as análises realizadas neste trabalho não têm a intenção de apontar quais das matérias jornalísticas realizaram a cobertura mais adequada do caso. Nosso intuito é contribuir para uma compreensão dos gestos realizados pelo jornalismo frente a situações de violência contra crianças e adolescentes no grupo doméstico, a partir da identificação do início da história presente nos textos, das causalidades atribuídas ao que ocorreu e das figuras postas em cena pelo acontecimento, a partir das representações sociais acionadas pelos relatos jornalísticos. As notícias que analisamos reúnem informações originadas pelas respostas a um fluxo de perguntas que os jornalistas lançam a um determinado objeto, neste caso frente a um fato permeado por controvérsias em sua origem: duas crianças de um ano e meio caíram (ou foram arremessadas pela mãe?) da janela do quarto andar de um prédio.

A partir de um quadro de representações sociais acerca de temas como infância, família, maternidade e paternidade, percebe-se o compartilhamento de um repertório semelhante de questões que os veículos jornalísticos propõem ao objeto: as crianças caíram ou foram arremessadas? A mãe seria capaz deste gesto? O que a levou a cometer tal barbaridade?

A família é tomada como epicentro dessa trágica história. Todos os “personagens” são enredados em função do lugar que ocupam na família: a mãe, o pai, os filhos, as avós. Essa forma de agenciamento é tão forte que não chegamos a saber a idade e a ocupação do pai das crianças, que se faz presente naquela história por um único motivo: a paternidade inquiridora. A polícia aparece como fonte autorizada e confiável para tratar do assunto, ainda que a ela sejam atribuídas duas versões opostas sobre o que a mãe teria dito em depoimento.

Mesmo que estudos de diversas áreas (ARIÈS, 1981; ALMEIDA, ANDRÉ e ALMEIDA, 1999) e uma análise das notícias veiculadas nos jornais nos mostrem que a família não é necessariamente um espaço de proteção, mas, ao contrário, pode se configurar como um lugar privile-

giado de agressão, o que observamos é que a representação positiva sobre estes vínculos parece manter sua força. Nos textos analisados neste trabalho, o nível de atualização e interferência do acontecimento em tela não parece suficiente para questionar essa representação e os nexos causais que privilegiam o discurso da harmonia no ambiente familiar. Por outro lado, devemos reconhecer que ainda que a concepção da família como espaço de proteção seja reforçada no discurso do senso comum, o “desvio” desse modelo envolvendo contextos e sujeitos que se encontram na base da pirâmide econômica não parece provocar tanta surpresa, o que pode ser explicado pelos regimes de exposição da violência doméstica na sociedade contemporânea.

Cristina Ponte (2005) realça que as clivagens sociais são aspectos determinantes para a publicidade que violações no espaço doméstico podem alcançar. Almeida; André e Almeida (1999) chamam atenção para o modo desigual como as várias classes sociais se deslocam por entre serviços e especialistas da infância. As classes populares fazem o uso generalizado e frequente dos serviços públicos (de educação e de saúde, por exemplo), já as classes privilegiadas optam pelos serviços privados. “A facilidade da exposição do universo doméstico aos olhares dos outros, nas primeiras, opõe-se ao resguardo que protege a privacidade da vida familiar das outras” (ALMEIDA; ANDRÉ; ALMEIDA, 1999, p. 7). Consideramos que estes mesmos aspectos parecem se refletir também no acesso da imprensa aos casos de violência. O jornalismo brasileiro adota regimes bastante diferenciados na cobertura de crimes violentos e estas distinções possuem implicação direta com a posição social das vítimas, com distintas operações discursivas a eleger vítimas ocasionais – os mais ricos – e preferenciais – segmentos mais pobres da população (VARJÃO, 2008; ANTUNES, 2012).

Outro estudo que oferece pistas relevantes volta-se para cobertura de meios de comunicação britânicos sobre maus tratos e morte de crianças no contexto familiar, que passou a ocupar espaço na pauta da imprensa do Reino Unido a partir dos anos 70. Os pesquisadores Davis e Bourhill constataam que a agressão no seio familiar contrariava o “o arquétipo

das histórias de crime como parte da grande narrativa da sociedade em declínio, com os valores tradicionais e instituições em colapso e o espaço familiar como refúgio” (DAVIS; BOURHILL *apud* PONTE, 2005, p. 127). Para fugir deste aparente paradoxo e inserir estes fatos nos moldes como a imprensa lida rotineiramente com os crimes, recorreu-se à patologização das famílias que cometiam atos violentos contra crianças e adolescentes, classificando-as como “falhadas” ou “desviantes” (PONTE, 2005). Este comportamento levou à valorização da singularidade dos casos, o que ofuscou a compreensão da violência como uma característica das relações cotidianas estabelecidas entre adultos e crianças. A família é apresentada de forma descontextualizada e há “omissão de fatores sociais, materiais ou culturais, por uma adjetivação pejorativa do criminoso” (PONTE, 2005, p. 127).

As análises realizadas neste trabalho revelam que estes parâmetros se mostram muito pertinentes para a investigação da cobertura sobre violência contra crianças e adolescentes no grupo doméstico. A ruptura das funções que se espera que cada membro da família desempenhe gera interesse, mas se os casos se desenrolam em contextos sociais menos favorecidos este interesse da imprensa parece mais rarefeito, ditando o ritmo de (des)continuidade que marca o percurso destas histórias ao longo do noticiário.

## Referências

- ALMEIDA, A. N. de; ANDRÉ, I. M.; ALMEIDA, H. de. Sombras e marcas: os maus tratos às crianças na família. *Análise Social*, Lisboa, outono de 1999. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218798695T1vKY9iv7Ce08NU0.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2012.
- ANTUNES, E. Acontecimentos violentos, ressentimento e as marcas de uma interpretação. In: FRANÇA, V. R. V.; OLIVEIRA, L. (Org.). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 269-292.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

- BILAC, E. D. Família: algumas inquietações. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000. p. 29-38.
- CARVALHO, M. C. B. O lugar da família na política social. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000. p. 13-21.
- FRANÇA, V. V. L. *Quêré: dos modelos da comunicação*, 2003. (mimeo).
- MACHADO, A. V.; BRAGA, C. E.; FOLIN, E.; CARDON, L.; PFEIFFER, L.; PUJOL, L. E.; MACHADO, M. C. V. Estudo para a formação de projetos de lei que insiram regras nos códigos penal e processual voltadas à prevenção e repressão da violência praticada com crianças e adolescentes. *Portal dos Direitos da Criança e do Adolescente*, Brasília, 3 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.direitosdacrianca.org.br/midiateca/publicacoes/estudo-para-a-formulacao-de-projetos-de-lei-que-insiram-regras-nos-codigos-penal-e-processual-voltadas-a-prevencao-e-repressao-da-violencia-praticada-com-criancas-e-adolescentes>>. Acesso em: 31 mai. 2012.
- MASCHERONI, G.; PONTE, C.; GARMENDIA, M.; GARITAONANDIA, C.; MURRU, M. F. Comparing media coverage of online risks for children in southern European countries: Italy, Portugal and Spain. *International Journal of Media and Cultural Politics*, Bristol, UK, v. 6, n. 1, p. 25-44, jan. 2010.
- MOSCOVI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MOULLAUD, M. A informação ou a parte da sombra. In: PORTO, S. D. (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 37-47.
- PEDEMONTE, Damián Fernandez. *Conmoción pública: los casos mediáticos y sus públicos*. Buenos Aires: La Crujía, 2010.
- PONTE, C. Mudam-se os tempos, mudam-se as notícias? A cobertura jornalística de crianças no Público e Diário de Notícias em 2000 e 2005. *Media & Jornalismo*, Lisboa, v. 11, n. 11, p. 51-71, jul. 2007.
- PONTE, C. Mapping news on children in the mainstream press. *European Societies*, Londres, v. 9, n. 5, p. 735-754, dez. 2007.
- PONTE, C. *Crianças em notícia: a construção da infância pelo discurso jornalístico (1970-2000)*. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2005.
- QUÉRÉ, L. *Des miroirs équivoques*. Paris: Aubier, 1982.
- QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, v. 3, n. 6, p. 59-75, primavera de 2005.

- SOARES, L. E. *Justiça: pensando alto sobre violência, crime e castigo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- WAISBORD, S. Advocacy Journalism in a Global Context. In: WAHL-JORGENSEN K.; HANITZSCH, T. *The handbook of journalism studies*. New York: Taylor and Francis, 2009. p. 371-385.
- VARJÃO, S. *Micropoderes, macroviolências*. Salvador: EDUFBA, 2008.

### **Matérias acessadas em sítios eletrônicos**

- HENNEMAN, Gustavo. Mãe é presa sob suspeita de jogar gêmeos de 1 ano da janela em MG. *Folha.com*, São Paulo, 7 dez. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1018257-mae-e-presa-sob-suspeita-de-jogar-gemeos-de-1-ano-da-janela-em-mg.shtml>>. Acesso em: 31 mai. 2012.
- HENNEMAN, Gustavo. Mulher que jogou gêmeos pela janela tem depressão pós-parto, diz mãe. *Folha.com*, São Paulo, 8 dez. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1018689-mulher-que-jogou-gemeos-pela-janela-tem-depressao-pos-parto-diz-mae.shtml>>. Acesso em: 31 mai. 2012.
- JORNAL da Alterosa. Disponível em: <[http://www.alterosa.com.br/html/noticia\\_interna,id\\_sessao=7&id\\_noticia=66156/noticia\\_interna.shtml](http://www.alterosa.com.br/html/noticia_interna,id_sessao=7&id_noticia=66156/noticia_interna.shtml)>. Acesso em: 31 mai. 2012.
- JORNAL Hoje. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2011/12/mae-e-presa-suspeita-de-jogar-gemeos-pela-janela-do-apartamento-em-mg.html>>. Acesso em: 31 mai. 2012.